

Museu de Arte da Universidade do Ceará

RENDA
DE
BILRO

Coleção - Instituto de Antropologia



Dando seqüência a sua programação para o corrente ano, o Museu de Arte da Universidade do Ceará inaugura a Exposição de Renda de Bilros, apresentando a belíssima Coleção de Rendas do Instituto de Antropologia da qual faz parte a Coleção Luisa Ramos, organizada com maior desvelo pela figura inesquecível da espôsa e íntima colaboradora do mestre da antropologia brasileira Arthur Ramos e adquirida por iniciativa do Magnífico Reitor Antônio Martins Filho à família do conhecido antropólogo em 1957.

A realização do MAUC tem sentido verdadeiramente regional, destacando aos olhos do público interessado uma das expressões mais autênticas do artesanato nordestino, notadamente cearense, em manifestação impressionante da arte popular, portadora do que é de mais belo, mais poético e mais fragrante.

Estudada em seus detalhes por antropólogos, etnógrafos e folcloristas brasileiros como Leite e Oiticica, Luís da Câmara Cascudo, Diégues Júnior, Maynard Araújo, Raposo Fontenelle, Luisa Ramos, Maria Luisa Mendonça e outros, a renda de bilros vem oferecendo material de inequívoca valia para o estudioso da cultura e da tradição popular em nosso país, constituindo-se uma das mais apaixonantes formas de atividade artesanal feminina.

Rendas e rendeiras decantadas em todo o Brasil na magia das praias bordadas de espumas do nordeste empalmeirado, nos terreiros varridos dos sertões dourados de sol e de seca, nas salas brejeiras e nos alpendrados das casas grandes, "rendas de aromas e de luzes" no dizer do poeta, encaçam-se como jóias delicadas, de levíssima tessitura, nos mostruários do Museu de Arte, aos olhos dos que poderão sentir e viver a imensa riqueza espiritual do folclore brasileiro.

No Brasil afora continua a renda a escorrer nas almofadas a arte e a expressão estética do que é bem brasileiro e bem nosso. Ao som dos catolés batidos incessantemente, as mãos da mulher do povo trazem música e poesia num vai-se todo um tempo que se esvai nêle mesmo, que não se repete, que não volta. E ao cair do mar na praia quieta vestindo em renda a areia branca, ao manto rendado em leite que a lua vai trabalhando pela noite a dentro filtrando luzes no copal espesso da mataria, à cabeleira de neve bordada em prata no cantar divino de Ortiz, agiganta-se, qual adamastor moderno, por entre o negror fumarento que envolve a urbe, o caminhar pesado da locomotiva que atravessa o tempo, ao apitar infindo da fábrica que desperta o operário para a luta, a produção, o poder deixando para traz todo o resto.

"Rendas de aromas e de luzes", talvez como a própria vida, "um véu de Penelope, nunca terminado".

RENDAS E RENDEIRAS... HISTÓRIA, LENDA,
SUPERTIÇÕES, RENOME, GLÓRIA HUMILDE NA
LEMBRANÇA PRAIEIRA...

LUÍS DA CAMARA CASCUDO

*Prefácio do livro Rendas e Rendeiras de autoria da
Prof.^a Maria Luisa Pinto de Mendonça (1).*

Nascido em cidade do Atlântico, com pescadores e sombras de coqueiros, vivi olhando as rendas nordestinas, usadas por minha mãe, guardadas por ela, financiadas às rendeiras que moravam nas praias, trabalhando nas almofadas, batendo os bilros sonoros entre o cajueiro lírico e a praia ornamental. Recordo-me das velhas rendeiras com os ciumentos modelos intransferíveis, ciosamente escondidos os grossos "papelões" onde se alinhavam os meandros pontilhados, esquemas misteriosos que justificariam as construções diáfanas e as maravilhas vaporosas.

Não apenas o ofício era índice de obstinação, delicadeza e vocação irresistível como também existiam rendas privativas de certas rendeiras, segredos que morriam com seus dedos imóveis. Uma dessas, numa praia do norte, cegando, rasgou os "papelões" para que nenhuma outra mulher tecesse a miraculosa ROSA DOS ALPES, a verdadeira que somente ela soubera fazer. As rendas vendidas de porta em porta, renda para enxoval, toalha de altar, roupa de batizado, não eram as melhores. Ficavam as outras para as "encomendas" confiadas ou cúmplices, as freguesas antigas, notadamente quem não pudesse repetir o extraordinário tecido. Não davam amostras e não deixaram discípulas.

Certas senhoras da cidade do Natal possuíam os modelos mais cobiçados, ocultos como tesouros perigosos que a luz do sol faria evaporar. "Emprestavam" os "papelões" às rendeiras comadres, "de toda fiança", com pagamento maior e a promessa de sigilo, de trabalhar sem testemunhas, numa tácita conspiração conservadora de reserva suprema. Assim iam as rendas para as mulheres dos Ministros

(1) Obra inédita a ser publicada pela Imprensa Universitária do Ceará

de Estado, Presidente da República, Governadores prestigiosos. Presentes como tributos de paciência, de vassalagem, de arte humilde e deslumbrante. Cinquenta metros de renda que cabiam no côncavo das duas mãos. Rendas que, atiradas ao ar, desciam numa lentidão de plumas preguiçosas. LÍRIO DO VALE. SEGREDO DE NOIVA. BEM CASADO. FLOR DE JERUZALÉM. Eram os títulos que valiam tentações. Muitas eram falsas, contrafeitas, desajeitadamente imitadas. Minha ama, Benvenuta de Araújo, herdeira de Aracné, sorria quando mostravam as rendas elogiadas. Tinha uma frase sibilina, abrindo a face mulata num riso irônico: — “SE ISTO É FLOR DE JERUZALÉM, EU SOU BRANCA DE NEVE...”

As rendas tinham história, lenda, superstições, renome, glória humilde na lembrança praieira. Ficavam faladas, citadas, recordadas. Depois os se desfizeram no tempo como flôres sêcas inominadas e sem perfume sensível. As senhoras dos Ministros, dos Senadores poderosos olhavam as ofertas com curiosidades do Norte. Algumas não acreditavam que fôsem trabalho à mão. Encomendavam novas remessas que, às vêzes, eram de impossível realização. Para satisfazer as rendeiras novas arremedavam as “antigas”, trabalhando depressa, batendo os bilros numa velocidade de mau augúrio estético. As rendas das praias foram tomando vulto. A roda de 1922 apareciam compradores nas praias, arrecadando a baixo preço o que revenderiam na altura de todos os gabos. 1922 foi o ANO DO CENTENÁRIO. O Presidente Epitácio Pessoa valorizava o trabalho brasileiro. Oferecia os frutos do artesanato, como nenhum outro e depois dêle os Presidentes ficam acanhados de repetir o bom-gôsto. A rainha Elisabeth da Bélgica recebeu rendas do Aracati. O rei Alberto bebeu tiquira do Maranhão. A procura doirou a produção que se multiplicou, um tanto deformada, mas sempre linda.

Os intermediários percorrem as praias da Paraíba e Rio Grande do Norte e todo o material é vendido sob o título genérico de RENDAS DO CEARÁ, a mais tradicional pela beleza do acabamento. Mesmo as casas comerciais do gênero denominam-se atraentemente: RENDAS DO CEARÁ. A velha Marcolina dizia-me, em 1950: — “Hoje não se faz mais renda, bate-se bilro...” Pessimismo.

Para o etnógrafo a figura da rendeira ergue-se na média do artesanato como uma das expressões vivamente emocionais. A profissional não enriquece e o labor minucioso, tenaz, miúdo, apaixonante, não lhe dá retribuição.

“Fazer renda” era obrigação praieira na normalidade da educação doméstica.

Tôda menina sabia “trocar bilros”. Era uma indústria subsidiária da economia familiar, precária, diminuta, inacabável, uma tarefa de Penélope, sem pressa e sem descanso. A tradição, vinda de Portugal, manteve a dogma da rendeira nas praias e, raramente, nos sertões.

É assim em Portugal mas as rendeiras ganham o interior. Beiras, entre Douro e Minho, Alentejo, Trás-os-Montes, foram os centros de exportação humana para o Brasil. Apenas, como notei, a renda está sendo visivelmente substituída pelo bordado, pelo recamato, talqualmente ocorre na Itália mesmo nas regiões clássicas da renda invencível. Assim em Portugal e na Espanha, entre o povo. De onde veio? Nunca se saberá mesmo com as decisões do difusionismo alagante. É uma das funções típicas do paralelismo. Surgiu em vários pontos, diferenciando-se, aculturando-se, modificando-se. Marcar a geografia da renda é fixar a geografia de um instinto legitimamente natural e inacreditavelmente antigo.

Desde quando? Nas palafitas suíças há tecido, tear, franjas. Meio-caminho para o *rendado* que vinha de *rêde*, não a de pesca mas a de caça, primitiva. A mesma técnica quadrangular. Teria começado pela desfiatura das orlas que depois foram entrelaçados os fios, fazendo o desenho pre-avô do contemporâneo *ninho de abelha*. O laço (*lace* é renda em inglês), a teia são elementos neolíticos. Qual seria a inicial? Trança do cabelo humano ou trança de fios? Atavio feminino que se projetou na elaboração caseira de um requinte? Uma das origens propostas para *renda* é o germânico *rand*, *rand*, ourela, orla, beira. Parece que por aí a renda foi nascendo...

Luisa e Arthur Ramos, no magnífico A RENDA DE BILROS E SUA ACULTURAÇÃO NO BRASIL, (Rio de Janeiro, outubro de 1948) citam uma determinação de D. João III em 1560 proibindo que "nenhuma pessoa se servisse de *desfiado*, nem *rêde*". Não vamos lembrar que o Rei devia ser outro porque D. João III falecera em 1557 e em 1612 reinava Felipe III. O essencial é notar que *rêde* seria sinônimo de *renda*, já diferenciado, etimologicamente, do *desfiado*. E *desfiado* é nas extremidades dos panos. *Renda*, *rand*, aurela, orla, beira... A cabeça das bailarinas do velho Egito, trinta séculos antes de Cristo, é coberta por uma *rêde* que sugere rendas. Mas é agradável acompanhar a história da renda através da quarta dimensão. O difícil é fixar a mecânica das transformações e porque elas apareceram, poderosamente. Mas a renda é uma sobrevivência que a máquina não arrolou sob seu domínio. É um orgulho do artesanato. Uma ocupação orgulhosa e melancólica que está credenciando os séculos de dedicação anônima de nossas rendeiras. Era tempo que erguê-las acima da produção mecânica e mostrar a mão desconhecida que teceu em linha as obras-primas da obstinação infatigável.

Meu namôro com as rendas exibiu-se em princípios de 1945 quando lhes defendi a presença etnográfica, inseparável da cultura pradeira. Comentava o HISPANIC LACE AND LACE MAKING, New York, 1938, de miss Florence Lewis May, exaltando as rendas de Espanha. Portugal tivera, mais de um século, uma feitoria em Flandres e Flandres fôra posse castelhana. Mas as transformações espanholas e portuguesas

correpondiam às próprias transformações que Flandres impusera às suas rendas. Herman Lima comentou, com simpatia, êsse artigo da CULTURA POLÍTICA (n.º 49, 109, Rio de Janeiro, fevereiro de 1945). E Herman Lima, com a habitual agilidade mental, propunha os "Museus Regionais" com a secção da rendas que ornam mas não pagam utilidades reais. RENDAS foi verbete no meu DICIONÁRIO DO FOLCLORE BRASILEIRO em 1954. Há uma bibliografia de ensaios, artigos, sugestões, com os estudos de Luiza e Arthur Ramos, o ARTES MENORES, de Jenny Dreyfus (cap. XII, S. Paulo, 1959).

Bruno Schier, um orientador da escola etnográfica de Viena d'Austria, perguntava no seu AUFBAU DER DEUTSCHEN VOLKSKULTUR, 334, porque não considerar como fontes probantes e positivas os fenômenos do nosso quotidiano. "Da ornamentação de um pórtico e de um instrumento agrícola, da forma de uma casa e da boina de uma mulher, pode-se obter mais informação da História da Civilização que de muitos massos de atas de arquivos". Insiste Bruno Schier em demonstrar que o valor testemunhal do objeto de uso diário e comum não é inferior às crônicas e aos documentos antigos. Porisso fui pesquisar Jangada e Rêde de Dormir em vez de alistar-me entre os devotos da economia estatística ou da previsão da meteorologia eleitoral.

Que nos diz a renda dos bilros praianos? Justamente na região das almofadas de renda vivia o tupi, tecendo vimes, conhecendo plumaria e tendo a mulher ceramista. Fiava e torcia o fio de algodão, fazendo a rêde-de-dormir sem varandas, sem mamucabas, sem borlas. Êsses pormenores decorativos vieram pela mão portuguesa. Possuía uma predisposição técnica pela utilização de um processo convergente. A renda, vinda de Portugal e feita no Brasil pela mulher branca, passou às "crias de casa" no ensino diuturno, puxado a palmatória e vara de marmeleiro, mamelucas, mulatas, curibocas. Os missionários tentaram espalhar a indústria nas aldeias onde falhou, dando melhor, como ainda hoje, o bordado, a aplicação, o relêvo de missangas. A rendeira, seja qual fôr o seu grupo sangüíneo, é discípula da mestra portuguesa. Discípula que desdobrou e melhorou o magistério, passando-o adiante, numa disseminação inconsciente, tenaz e proveitosa.

A renda denuncia o espírito reflexivo, cauto e calado, o recato e a disciplina da rendeira instintiva, egressa de um colégio invisível e eterno. As arrebatadas, as "sangue na guelra", não fazem rendas. É preciso uma capitalização anterior de submissão, de tranqüillidade serena, para erguer-se no "papelão" o encanto das obras delicadas, ténues e como palpitantes de vida. A oleira tem uma movimentação mais desdobrada e livre que a rendeira. E aparece o silêncio como uma exigência ritual inseparável. "Deixe de conversar! Deixe a gente trabalhar sossegada!" E o trabalho é vagaroso, busto curvado como se gravasse, mudando alfinêtes, provocando a estalada rítmica

dos bilros incessantes. A renda é índice dos temperamentos: "de-espera", de confiança, de oração muda, seguindo mentalmente a jangada bailarina nas ondas longes dos verdes mares bravios. Trabalho de construção para o tempo passar, escoar-se, correr mansamente, enquanto a vela aponta no curvo horizonte distante e azul.

Certo é que, como desde 1941 defende a SOCIEDADE BRASILEIRA DE FOLK-LORE, o Brasil deve ser estudado pela sua natureza e não pela sua "impressão". De dentro para fora e não de fora para dentro. De baixo para cima e não de cima para baixo. De "base" e não de "cúpula". Cabe ao estudioso nacional a livre escolha dos motivos e não o aceiteamento da indicação alheia à observação do nosso consuetudinário. Levaremos para a cultura universal uma contribuição tanto mais valiosa e digna quanto mais seja original e pura na legitimidade de suas fontes, no realismo imediato, na dedução que a convivência autêntica no plano do verismo e do normal, o normal etnográfico que é normalidade comum que sentimos e compreendemos.

D. Maria Luisa Pinto de Mendonça nesta "RENDAS E RENDEIRAS" amplia consideravelmente as indagações anteriores e expõe um documentário delicioso sobre a paisagem humana onde a renda floresce quase em produção espontânea. Examina todos os ângulos do motivo e a História, a Lenda, o Mito, o Folclore, a Sociologia, a Etnografia dizem as vozes depoentes e sentimentais da memória oportuna e feliz. É uma viagem onde o Tempo é dimensão e de cada perspectiva há um elemento elucidador evocado.

A leitura evidenciará a agilidade, precisão técnica, força emocional, cultura justa e clara, interesse omnívoro por todas as manifestações temáticas, um complexo vivo de virtudes culturais posto em serviço da inteligência aguda e sensível, cheia de conhecimento e de intuição, de equilíbrio e de lógica, de alegria reveladora e de poesia comunicativa.

Seus trabalhos iniciais, de feição pesquisadora direta e local, ESTUDO DE ETNOGRAFIA RELIGIOSA DE JUAZEIRO E CANINDE e PEQUENO MANUAL DE ANTROPOGEOGRAFIA DO NORDESTE, credenciam uma nobre atividade científica que envaidece e rejubila todos os enamorados pela Cultura do Povo no tempo e no espaço. "RENDAS E RENDEIRAS" é um livro indispensável.

Natal, junho de 1961.
Faculdade de Filosofia.
Universidade do Rio Grande do Norte.

CATÁLOGO

PACAJUS

- N.º 40 — Bico
Nome — Peixinho
- N.º 41 — Renda
Nome — Esporinha
- N.º 42 — Renda
Nome — Pequeno Grande
- N.º 43 — Bico
Nome — Pequeno Grande
- N.º 44 — Renda
Nome — Jasmim
- N.º 45 — Bico
Nome — Jasmim
- N.º 46 — Renda
Nome — Quitéria
- N.º 47 — Bico
Nome — Quitéria
- N.º 48 — Renda
Nome — Pata de Caranguejo
- N.º 49 — Bico
Nome — Pata de Caranguejo
- N.º 50 — Renda
Nome — Besouro
- N.º 51 — Renda
Nome — Renda dos MM
- N.º 52 — Renda
Nome — Ombro de boneca
- N.º 53 — Bico
Nome — Cigana
- N.º 68 — Bico
Nome — Miss
- N.º 69 — Renda
Nome — Amor em pedaços
- N.º 70 — Bico
Nome — Amor em pedaços
- N.º 71 — Bico
Nome — Muçu
- N.º 72 — Renda
Nome — Corrente encontrada
- N.º 73 — Bico
Nome — Corrente encontrada
- N.º 74 — Renda
Nome — Maripôsa
- N.º 75 — Bico
Nome — Maripôsa
- N.º 85 — Renda
Nome — Cigana
- N.º 86 — Bico
Nome — Cigana
- N.º 87 — Renda
Nome — Ignorado
- N.º 88 — Bico
Nome — Mato Grosso
- N.º 93 — Renda
Nome — Pequeno Grande
- N.º 94 — Bico
Nome — Pequeno Grande
- N.º 95 — Renda
Nome — Cruzeiro do Sul
- N.º 173 — Aplicação
Nome — Ignorado
- N.º 176 — Aplicação
Nome — Estrêla
- N.º 177 — Aplicação
Nome — Ponta dentro
- N.º 175 — Pala
Nome — Ignorado
- N.º 174 — Toalhinha
Nome — Ignorado
- N.º 172 — Pala
Nome — Ignorado

CASCAVEL

- N.º 26 — Renda
Nome — Quatro dados
- N.º 27 — Bico
Nome — Quatro dados
- N.º 28 — Renda
Nome — Quatro baratas
- N.º 29 — Bico
Nome — Quatro baratas
- N.º 30 — Renda
Nome — Folhinha
- N.º 31 — Bico
Nome — Folhinha
- N.º 32 — Renda
Nome — Cajá de São José
- N.º 33 — Bico
Nome — Bico-Rico
- N.º 34 — Renda
Nome — Coroinha
- N.º 35 — Renda
Nome — Corrente
- N.º 36 — Grega
Nome — Palha de coqueiro
- N.º 37 — Bico
Nome — Rabo de Pato
- N.º 46 — Renda
Nome — Um dado
- N.º 47 — Bico
Nome — Ignorado
- N.º 48 — Renda
Nome — Ignorado
- N.º 49 — Renda
Nome — Cigana
- N.º 50 — Bico
Nome — Ponta Carreira
- N.º 51 — Bico
Nome — Ignorado

- N.º 52 — Renda
Nome — Ignorado
- N.º 53 — Bico
Nome — Flor de sêda
- N.º 54 — Bico
Nome — Fólha do Mar

ACARAU

- N.º 66 — Pala

ARACATI

- N.º 65 — Pala

MUNDAU

- N.º 1 — Bico
Nome — Ignorado
- N.º 2 — Bico
Nome — Pipoca
- N.º 3 — Bico
Nome — Carrapicho
- N.º 4 — Bico
Nome — Pequeno Grande
- N.º 5 — Renda
Nome — Miss
- N.º 6 — Bico
Nome — Fava
- N.º 7 — Renda
Nome — Pipoca
- N.º 8 — Renda
Nome — Quatro baratas

- N.º 9 — Grega
Nome — Ignorado
- N.º 10 — Renda
Nome — Quatro palmas
- N.º 11 — Bico
Nome — Saudade
- N.º 12 — Bico
Nome — Carolina
- N.º 13 — Renda
Nome — Guipure
- N.º 14 — Bico
Nome — Guipure
- N.º 15 — Renda
Nome — Bolacha
- N.º 16 — Bico
Nome — Bolacha
- N.º 17 — Renda
Nome — Boa-noite
- N.º 18 — Bico
Nome — Boa-noite
- N.º 40 — Renda
Nome — Cigana
- N.º 41 — Bico
Nome — Cigana
- N.º 42 — Bico
Nome — Fundo de tigela
- N.º 43 — Bico
Nome — Pé-de-galinha
- N.º 44 — Renda
Nome — Pequeno Grande
- N.º 45 — Bico
Nome — Pequeno Grande
- N.º 46 — Bico
Nome — Tampa de violão
- N.º 47 — Bico
Nome — Grinalda
- N.º 48 — Bico
Nome — Costela-de-noiva

- N.º 49 — Bico
Nome — Saudade
- N.º 71 — Pala
- N.º 72 — Pala
- N.º 73 — Pala

BEBERIBE

- N.º 8 — Renda
Nome — Ignorado
- N.º 9 — Renda
Nome — Ignorado
- N.º 10 — Renda
Nome — Estrêla
- N.º 11 — Bico
Nome — Estrêla
- N.º 12 — Renda
Nome — Ignorado
- N.º 13 — Renda
Nome — Ignorado
- N.º 14 — Bico
Nome — Ignorado
- N.º 15 — Bico
Nome — Ignorado

FORTALEZA

- N.º 1 — Aplicação
Nome — Ignorado
- N.º 2 — Renda
Nome — Ignorado
- N.º 3 — Renda
Nome — Muçu

- N.º 4 — Renda
Nome — Ignorado
N.º 5 — Renda
Nome — Ignorado
N.º 6 — Bico
Nome — Besouro

JUATAMA — QUIXADA

- N.º 1 — Bico
Nome — Ignorado
N.º 2 — Bico
Nome — Ignorado
N.º 3 — Renda
Nome — Ignorado
N.º 4 — Renda
Nome — Ignorado
N.º 5 — Bico
Nome — Colchête
N.º 6 — Bico
Nome — Ignorado
N.º 7 — Renda
Nome — Ignorado
N.º 8 — Bico
Nome — Ignorado
N.º 9 — Bico
Nome — Oitinho
N.º 10 — Bico
Nome — Ignorado
N.º 11 — Renda
Nome — Trilho de ferro
N.º 12 — Bico
Nome — Ignorado
N.º 13 — Renda
Nome — Ignorado
N.º 14 — Grega
Nome — Grega

- N.º 15 — Renda
Nome — Ignorado
N.º 16 — Bico
Nome — Ignorado
N.º 17 — Bico
Nome — Ignorado

CEARÁ — COLEÇÃO LUÍZA RAMOS

- N.º 366 — Aplicação
Nome — Ignorado
N.º 367 — Aplicação
Nome — Tijolinhos de pano
N.º 371 — Paninho
Nome — Ignorado
N.º 372 — Toalhinha
Nome — Copo
N.º 376 — Aplicação
Nome — Lua pequena
N.º 377 — Aplicação
Nome — Amor em pedaços
N.º 387 — Aplicação
Nome — Triângulo
N.º 388 — Aplicação
Nome — Orelha de burro
N.º 389 — Aplicação
Nome — Ignorado
N.º 390 — Aplicação
Nome — Aplicação
N.º 391 — Aplicação
Nome — Ignorado

GUANACÉS

- N.º 1 — Renda
Nome — Ignorado

- N.º 2 — Renda
Nome — Ignorado
- N.º 3 — Renda
Nome — Ignorado
- N.º 4 — Bico
Nome — Ignorado
- N.º 5 — Bico
Nome — Ignorado

LIMOEIRO

- N.º 1 — Bico
Nome — Ignorado
- N.º 2 — Bico
Nome — Ignorado

- N.º 3 — Renda
Nome — Ignorado
- N.º 4 — Renda
Nome — Ignorado
- N.º 5 — Bico
Nome — Ignorado

REDENÇÃO

- N.º 1 — Renda
Nome — Raspa-côco
- N.º 2 — Bico
Nome — Ignorado
- N.º 3 — Bico
Nome — Espuma do Mar

VISITE O

MAUC

MUSEU DE ARTE DA UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Avenida da Universidade — Bemfica

